

## VISÕES COLONIAIS: CONSUMO, MANEJO E CULTURA ALIMENTAR DE TARTARUGAS NA OBRA DESCOBRIMENTOS DO RIO DAS AMAZONAS

### COLONIAL VIEWS: CONSUMPTION, MANAGEMENT AND FOOD CULTURE OF TURTLES IN THE WORK DESCOBRIMENTOS DO RIO DAS AMAZONAS

Ezir Leite de Moura Júnior<sup>1</sup> - ezir.junior@sou.ufac.br  
Jefferson Henrique Cidreira<sup>2</sup> - jjeffersonhenrique@hotmail.com

#### RESUMO

O artigo propõe uma análise crítica do papel do saber-fazer amazônico na obra “Descobrimientos do Rio das Amazonas” de 1941. Na obra, os viajantes Gaspar de Carvajal, Cristóbal de Acuña e Alonso de Rojas exploram as “peculiaridades” da Amazônia, oferecendo informações sobre geografia, habitantes e experiências vivenciadas durante expedições. Destaca-se o consumo, manejo e cultura alimentar das tartarugas como elemento de poder e saber na desconstrução de visões estereotipadas sobre a região. A metodologia adotada examina os efeitos de verdade e/ou “representações” criados pelo exercício do poder alicerçados no saber colonial na obra. Utilizando as abordagens de Michel Foucault (2013) e Stuart Hall (2016), o estudo analisa como os relatos sobre o manejo e práticas alimentares das tartarugas oferecem não apenas percepções coloniais, mas também o saber-fazer indígena como elemento de desconstrução do “incivilizado”, “hostil” e outros estigmas associados à Amazônia. A relação de harmonia e respeito ao meio ambiente é enfatizada como parte integrante dessa desconstrução.

**Palavras -chave:** Viajantes, Tartarugas, Amazônia, Alimentação

#### ABSTRACT

This article proposes a critical analysis of the role of Amazonian know-how in the work “Descobrimientos do Rio das Amazonas” from 1941. Gaspar de Carvajal, Cristóbal de Acuña, and Alonso de Rojas explore the “peculiarities” of the Amazon, providing information about geography, inhabitants, and experiences during expeditions. The consumption, management, and food culture of turtles are highlighted as elements of power and knowledge in the deconstruction of stereotypical views about the region. The methodology examines the effects of truth and/or “representations” created by the exercise of power based on colonial knowledge in the work. Using the approaches of Michel Foucault (2013) and Stuart Hall

1 Desenvolve pesquisas sobre alimentação no Acre; Grupos de Pesquisa: Pontos de Estudos dos Saberes e Sabores: sociabilidades e cultura alimentar na Amazônia Ocidental – PESCA (Coordenador: Prof. Dr. Francisco Bento da Silva); Narrativa, Literatura e Jornalismo - NALIJOR, (Coordenador: Prof. Dr. Francisco Aquinei Timóteo Queirós). Mestrando no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI), da UFAC. Graduado em Licenciatura em História pela Faculdade Estácio de Sá (2021). E-mail: junior.469@hotmail.com.

2 Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia-UNIR e pesquisador do Pós-doutorado em Geografia-PPGMGEO da Universidade Federal do Acre-UFAC. E-mail: jjeffersonhenrique@hotmail.com.

(2016), the study analyzes how accounts of turtle management and dietary practices offer not only colonial perceptions but also indigenous know-how as a means of deconstructing the “uncivilized,” “hostile,” and other stigmas associated with the Amazon. The relationship of harmony and respect for the environment is emphasized as an integral part of this deconstruction.

**Keywords:** Travelers, Turtles, Amazon, Food

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A região amazônica tem sido historicamente um espaço de encontro entre diferentes culturas, saberes e modos de vida. A obra “Descobrimientos do Rio das Amazonas” (1941), de Pedro Teixeira, Francisco de Orellana, Acuña e Carvajal, oferece uma janela única para compreendermos as descrições e interpretações europeias sobre o comportamento e as culturas alimentares da Amazônia.

Nosso objetivo central é investigar as representações coloniais lançadas sobre as Amazônias na obra literária e, simultaneamente, desconstruí-las a partir do saber-fazer indígena no consumo, manejo e cultura alimentar em torno das tartarugas e seus derivados.

As populações originárias que habitavam esses territórios estabeleceram diversas zonas de contato, desafiando-nos a compreender como os relatos de viajantes, cientistas e naturalistas que chegaram ao “Novo Mundo” após o século XV contribuíram para moldar representações entrelaçadas aos processos colonizadores.

A metodologia buscada nesse estudo ancora-se na visão foucaultiana sobre o poder e saber para empreendermos a (des)construção do discurso colonial na obra do viajante. Como fonte primária de nossa análise, partimos de alguns relatos encontrados na “Descobrimientos do Rio das Amazonas” (1941), buscando articular o saber e o poder a partir de Michel Foucault (2013), destacando as representações de Hall (2016) presentes na obra em relação ao consumo de tartarugas na região como elemento de desconstrução de estereótipos sobre o ser e espaço amazônicos.

Neste contexto, a reflexão sobre o imaginário colonizador emerge como um ponto crucial para a proposição de novas perspectivas decoloniais, que não apenas buscam reescrever a história, mas também reinventá-la à luz de uma compreensão mais ampla e inclusiva.

## DESENVOLVIMENTO

### TECENDO O IMAGINÁRIO COLONIAL: EXPLORAÇÃO E PERCEPÇÕES NA OBRA “DESCOBRIMENTOS DO RIO DAS AMAZONAS”

Situaremos a obra “Descobrimientos do Rio das Amazonas” no contexto da exploração colonial da Amazônia nos séculos XVI e XVII, destacando as motivações, os interesses e as percepções dos colonizadores europeus em relação à região e sua fauna. O livro “Descobrimientos do Rio das Amazonas” é uma obra que apresenta relatos e “descobertas” sobre a região amazônica. Os autores, Gaspar de Carvajal, Cristóbal de Acuña e Alonso de Rojas, exploram as “peculiaridades” da Amazônia, fornecendo informações sobre a geografia, os habitantes e as experiências vivenciadas durante as expedições.

O relato registrado como o “Novo descobrimento do Grande Rio das Amazonas”, deixa claro quais foram os objetivos cumpridos ao longo da viagem. “Nesta expedição científica estudou minuciosamente os costumes dos povos indígenas, fazendo curiosas

observações e apresentando sugestões que ainda são oportunas neste meado de século XX” (CARVAJAL; ROJAS; ACUÑA, 1941, p. 9).

A obra, publicada em 1941, é uma compilação de relatos que abordam diferentes aspectos da Amazônia, desde sua geografia até a interação com as populações locais. Nesse contexto, o papel desempenhado durante a viagem tinha uma significativa ligação com o investimento do rei da Espanha.

Importa ressaltar que Carvajal; Rojas; Acuña, (1941), enquanto religiosos, tinham o objetivo de apresentar o espaço amazônico como ensejo para uma expansão colonial. Nesse sentido, buscamos problematizar a visão do Europeu que tinha em sua tessitura apresentar a “verdade”, desenhando assim um imaginário sobre as Amazônias; espaço por vezes descrito como espaço e sociedades “incivilizadas” e “hostis”.

Essa noção é apresentada quando a comitiva descreve uma suposta perseguição por índios, descritos como feiticeiros, com os corpos pintados de vermelho e com a boca cheia de cinza, onde cuspiam, fazendo um tipo de ritual de guerra acompanhado de batidas de tambores e gritos.

Começámos a navegar, sem que os índios nos deixassem de seguir e dar combate, porque destas aldeias se tinham reunido mais de 130 canoas, nas quais havia mais de 8.000 índios e por terra era incontável a gente que aparecia. Entre esta gente e canoas de guerra andavam quatro ou cinco feiticeiros, todos pintados e com as bocas cheias de cinza que atiravam para o ar, tendo nas mãos uns hissopes, com os quais atiravam água no rio, à maneira de feitiços, e depois de contornar os nossos bergantins, chamavam a gente de guerra, e logo começavam a tocar seus tambores e cornetas e trombetas de pau, e com grande gritaria nos atacavam. CARVAJAL; ROJAS; ACUÑA, 1941, p.44

Esse tipo de narrativa é exercido ou alicerçado pelo saber (arqueologia), e, através dos discursos vão ganhando um efeito de verdade de uma visão de mundo sobre a outra. Esse movimento de ocupação, dominação e invenção de espaços, corpos e comportamentos delimitam o que Luciana Ballestrin chama de “relação antagônica por excelência” no texto “América Latina e o giro decolonial” publicado no ano de 2013.

Ou seja, era a supremacia eurocêntrica sobressaindo ao colonizado de forma instantânea. Para o sociólogo Michel Foucault (2013), esse efeito de verdade é construído com a intenção de firmar alguns pontos que articulam o poder pelo saber. O autor introduz a noção de “efeitos de verdade”, referindo-se aos resultados produzidos quando certas afirmações são exercidas como verdadeiras em uma sociedade.

Em outras palavras, a relação entre discurso e poder envolve a noção de estereotipar, que é disseminado e/ou sustentado pelo saber. Logo, tais discursos coloniais tomam para si um tom de verdade, ou melhor, um efeito de verdade alicerçado pela noção de civilidade. “Aqui nos puseram em grande aperto, e tamanho, que não sei se algum de nós escaparia, porque nos tinham preparado uma emboscada em terra e dali nos abarcavam” (CARVAJAL; ROJAS; ACUÑA, 1941, p. 44).

As fantasias e exageros dos europeus foram posicionados no centro da narrativa da expansão europeia, contribuindo para processos taxonômicos de espaços e sujeitos. Ma-fra (2010-2012) argumenta que a visão dos viajantes sobre a Amazônia não é apenas um relato objetivo de suas observações durante a viagem, mas também uma construção complexa e multifacetada que reflete as lentes ideológicas, culturais e religiosas do período.

Ao destacar a grande população de povos indígenas, os viajantes defendiam que por causa da abundância de alimentos como, mandioca, milho e outras comidas os “bárbaros” eram prósperos. Essas afirmações não apenas descrevem a realidade; elas a moldam ao legitimar certos discursos e práticas.

Estas ilhas de menor porte, e ás vezes, as maiores ou uma grande parte das mesmas, são inundadas todos os anos pelo Rio, fertilizando-as assim com as suas lamas, de modo que nunca podem alegar título de estéreis, mesmo que por muitos anos continuados se lhes peça a produção ordinária, que são o milho e a iuca, ou mandioca, alimento comum de todos e do qual há -grande abundância; e embora parecesse estar exposta a grandes diminuições e perdas em tão poderosas avenidas, a natureza, mãe comum de todos, leu a estes bárbaros meio fácil para a sua conservação (CARVAJAL; ROJAS; ACUÑA, 1941, p. 174).

No caso, esse saber científico europeu que constrói essas visões sobre a Amazônia como sendo verdades. Nessa percepção, os termos, “índio” e “Amazônia” se apresentam como uma invenção humana, originada desde as primeiras viagens ao “Novo Mundo”. Os escritos resultantes dessas viagens se difundiram globalmente, definindo narrativas que imortalizaram uma Amazônia hegemônica e uniforme no cenário internacional, influenciando profundamente o imaginário sobre esses espaços e seus habitantes, conforme nos esclarece Neide Gondim (1994).

Por exemplo, com Orellana, em 1549, surgiram diversos mitos, notadamente o das Amazonas, “índias guerreiras, habitantes destemidas de uma aldeia sem homens. Outros viajantes e exploradores em busca de riquezas disseminaram mitos e fantasias pelo mundo” (LOUREIRO, 2002, pp. 107-108).

Os relatos dos viajantes descrevem árvores fenomenais e rios capazes de engolir navios, construindo uma paisagem que destaca a pequenez humana diante da exuberância da região. Esses relatos, conforme Loureiro (2002), deram origem a imaginários espetaculares, narrativas mitológicas e exageros originados da observação.

A “Viagem de Orellana” marca o início do ciclo de mitos sobre a Amazônia, particularmente aqueles construídos a partir da perspectiva do estrangeiro, moldando a visão da terra e de seus habitantes pelos olhos de quem não pertence à região (LOUREIRO, 2002, p. 107/108).

Essas dinâmicas representacionais, presentes desde as primeiras expedições, buscaram “desbravar” e representar a Amazônia como uma entidade já conhecida e compreendida. No contexto do conceito de representação, os “mundos” subjetivos são for-

mados por sistemas de sentidos, conforme discutido na obra “Cultura e Representação”, de Stuart Hall (2016).

Para o escritor jamaicano (2016), os sistemas de representações buscam a fixação de códigos, onde o sentido não reside no objeto, na coisa ou na palavra, mas sim em uma rede de codificações construída pela linguagem. Ainda, o autor propõe uma abordagem que considera esses espaços como circuitos culturais, destacando as relações entre significados, objetos, códigos, representações e cultura.

São nesses acontecimentos, interesses e exercícios de poder que as “representações” ocidentais atravessam as palavras e os objetos, tornando-se uma rede de codificações, arquitetada e organizada, pela linguagem. Os signos mesclam o mundo tangível e intangível para a idealização de um mundo “ideal” apresentado pelo outro, em consonância com seus interesses sobre a região.

Nesse contexto, destaca que o olhar dos viajantes sempre ancorava a prosperidade dos indígenas com “provisão divina”, ao comparar o homem com a formiga, as narrativas de Carvajal, Rojas e Acuña (1941), reforçam uma certa simbiose entre natureza e homem, mas, evidenciando a “mãe natureza” como principal fonte de prosperidade.

E se a natureza ensinou a formiga a guardar nas entranhas da terra, como em celeiro, o grão que há de ser o seu alimento durante todo o ano, não é muito que desse atilamento ao Índio, por mais bárbaro que seja, para prevenir seu dono e guardar o seu sustento; pois é certo que a Divina providência mais cuida dos homens que dos animais brutos (CARVAJAL; ROJAS; ACUÑA, 1941, p. 226).

A analogia levantada pelos viajantes em certa medida, destaca um instinto de sobrevivência que, mesmo considerando os índios como bárbaros, eles possuem um certo grau de sabedoria, reformulada por uma noção cristã ao relacionar os saberes e fazeres como “Divina Providência” que capacita o índio a sobreviver.

Portanto, essas ideias, como formações discursivas, tentam produzir corpos, vidas e modos hegemônicos, mas são rompidas pelos efeitos subjetivadores que desarticulam a padronização do “ser” como sujeito psicologicamente determinado pela racionalidade.

Cabe ressaltar que, as práticas dos povos indígenas amazônicos transcendem a mera descrição de espaços, imagens sobre corpos, hábitos e o próprio território. Em pensar que os indígenas já pensam em tudo isso, desde o uso racional das tartarugas como alimentos, o aproveitamento de tudo, da banha etc.

E, ao mesmo tempo como eles pensam em algo extraordinário que é esse manejo a fim de não acabar com as tartarugas, fazendo currais, e em certos períodos, mesmo o macho não sendo tão saboroso, mas eles evitavam de pegar as fêmeas e filhotes pensando no futuro da espécie e no futuro de seu povo para garantir as tartarugas como alimento. Ou seja, o uso racional da fauna, respeitando a natureza e vivendo em harmonia.

Isto é, os viajantes ao pontuarem sobre o espaço, sobre saberes e fazeres dos sujeitos que tiveram contato, abre-se uma janela de análise que confere um poder discursivo

que vai desconstruindo visões estereotipadas do outro, de outro lugar. Nesse sentido, ao examinar a visão dos viajantes, Mafra (2010-2012) nos convida a questionar não apenas a precisão factual de suas descrições, mas também as dinâmicas de poder, dominação e resistência que moldaram a construção do conhecimento sobre a Amazônia durante o período colonial.

“Indústria da carne fresca”: explorando o consumo e o manejo das tartarugas

A nomenclatura “indústria da carne fresca” foi dada após os viajantes observarem sobre a criação e o abate de tartarugas por indígenas, incluindo técnicas de captura, manejo, preparação e consumo, não são apenas uma noção de subsistência, mas uma racionalidade, uma cosmovisão e identidade cultural desses sujeitos.

Tartarugas do rio e como as guardam, mas já que não lhes é dado conservar estas chacinhas, não lhes falta indústria para terem carne fresca durante todo o inverno, que, embora não seja tão gostosa como aquela, é mais e não menos proveitosa. Fazem para isto uns currais grandes, cercados de paus, e cavados por dentro, de modo que, como lagoas de pouco fundo, conservem sempre em si a água de chuva (CARVAJAL; ROJAS; ACUÑA, 1941, p. 175).

Pensando assim, buscamos compreender neste estudo como alguns registros dos viajantes, cientistas e naturalistas do século XVI ao XVII podem ser utilizados na desconstrução das visões coloniais usando como fio condutor representações que operam no campo da alimentação através do consumo e criação de tartarugas.

Essas convergências de experiências, nos motiva a explorar a “indústria” da carne fresca como uma representação reveladora dos mundos alimentares nas Amazônias. As declarações apresentadas por Carvajal; Rojas; Acuña (1941) acerca do “mercado produtivo” de tartarugas e outras espécies, incluindo sua gordura, ovos e derivados, são elementos centrais à análise.

Nesse contexto, os viajantes já observavam o “potencial” na produção alimentar na região. Para eles, os nativos não tinham o hábito de acumular grãos; já no contexto das proteínas, ele chamou de indústria da carne fresca. Criavam, então, currais de tartarugas vivas como excedente para meses de consumo e que os indígenas poupavam as fêmeas e filhotes, mesmo os machos não tendo o sabor tão delicado, para a manutenção da produção anual de carne fresca.

Feito isso, no tempo em que as tartarugas saem a desovar nas praias, eles também deixam as suas casas, e emboscando-se nos postos conhecidos, por elas mais frequentados, esperam que, saindo à terra, venha cada qual ocupar-se em fazer a cova onde pretende deixar os ovos; saem nesta ocasião os índios, cercam-nas pelo lado da praia, por onde devem fazer a sua retirada para a água, e de chofre acometendo sobre elas, em breve tempo se veem senhores de grande quantidade, sem outro trabalho que o de as virar de pernas para o ar, com o que, sem se poderem mexer, as mantêm todo o tempo que querem, até que ensartadas todas em vários cordéis, por uns furos que lhes fazem no casco, lançadas na água, remando eles em suas canoas, as levam a reboque sem nenhum trabalho, até metê-las nos currais que fizeram, onde as soltam, dando-lhes por prisão aquele

estreito cárcere, e alimentando-as com ramos e folhas de árvores, as mantêm vivas por todo o tempo que necessitam CARVAJAL; ROJAS; ACUÑA , 1941, pp. 181 -182).

Os viajantes descrevem que os nativos faziam grandes currais fundos de madeira, com água empossada, onde criavam os animais para o abate. Mostrando, dessa maneira, a abundância de riquezas naturais (a fim do empreendimento colonial de exploração), a engenhosidade, sabedoria e perspicácia desse povo não ocidental, contrariando os efeitos de verdade erigidos pelos europeus.

O pesquisador Diego Ramon Silva Machado (2016), ao produzir o trabalho “No rastro dos ovos: uma história da exploração e uso da tartaruga da Amazônia 1727-1882”, destaca que a construção desses currais para criação e abate de tartarugas, pelos indígenas, estava relacionada diretamente à “carnificina” que realizaram contra o peixe-boi, antes abundante.

Por falta de sal, que era utilizado para preservar a carne de grandes animais, o que lhes garantiria provisões nos tempos de inverno na região, era criação de tartarugas para o consumo de ovos, incluindo também a produção de manteiga. Essa associação é apresentada por Machado (2016) como um produto corriqueiro na vida dos indígenas devido a tais técnicas de caça, armazenamento e consumo do animal.

A partir do olhar dos europeus, a cultura alimentar dos povos observados revelava um modelo “industrial” na produção alimentícia, devido às técnicas aplicadas em aliança com as estações climáticas da região. Por exemplo, os viajantes destacam que, com as águas baixas e pouca profundidade, a formação de bancos de areias proporcionava um ótimo cenário para as tartarugas saírem para desovar, e essa manobra holística proporciona uma grande produção e autossuficiência em proteína.

Segundo Machado (2016), o consumo dos produtos derivados das tartarugas dava-se de várias maneiras, “conservavam os ovos para comê-los, como se fossem ovos de galinha, fritos ou temperados com açúcar, ou ainda, misturados à farinha de mandioca e um pouco de água na preparação do mocanguê” (2016, p. 181),

Logo, a citação que autor traz faz menção sobre a consciência de preservação dos povos indígenas falando sobre a criação, desova, o não matar fêmeas e filhotes de tartaruga para não acontecer o mesmo que o peixe boi, servem para como elemento para a construção ou perpetuação dessa visão de incivilizado e hostil para a Amazônia. E, ao mesmo tempo, como esse saber-fazer indígena, as técnicas, o manejo, a utilização da tartaruga como alimento serve para desconstruir essas visões sobre a Amazônia.

Ao voltarmos aos relatos dos viajantes, encontramos o registro de que na região não lhes faltava carne, e os indígenas não passavam fome. Por exemplo, ao encontrar um grupo de indígenas em certa altura da viagem, os viajantes destacam que um grupo de índios lhe trouxeram o “de comer, e começaram a tirar das suas canoas muitas perdizes

como as da nossa Espanha, porém, maiores, e muitas tartarugas, do tamanho de adargas, e outros pescados” (CARVAJAL; ROJAS; ACUÑA, 1941, p. 29).

E indo assim, um domingo de manhã, numa divisão que o rio fazia, bifurcando-se, subiram uns índios, a ver-nos, em quatro ou cinco canoas, carregadas de muita comida. Chegaram perto donde estava o Capitão e pediram licença para aproximar-se porque lhe queriam falar. E quando se aproximaram lhe disseram que eram principais e vassalos de Apária, e vinham a seu mando trazer-nos de comer, e começaram a tirar das suas canoas muitas perdizes como as da nossa Espanha, porém maiores, e muitas tartarugas, do tamanho de adargas, e outros pescados. (CARVAJAL; ROJAS; ACUÑA, 1941, p. 29).

Para a pesquisadora Maria Regina Celestino Almeida (1990), no texto “Os vassallos D’el Rey nos confins da Amazônia: a colonização da Amazônia Ocidental - 1750 a 1798”, descreve esse cenário consolidado na Amazônia ocidental do século XVIII. O resultado apresentado pela pesquisadora relaciona a integração da coroa como um modelo prático da política de colonização.

A transformação de aldeias em “vilas” e “povos nativos” em “vassallos” seria o auge do desenvolvimento agrícola e comercial. Entretanto, essas articulações políticas, segundo a autora, são o ponto chave para compreendermos os saberes que confrontavam a mentalidade proposta.

A partir de 1750, a política pombalina iniciou a colonização sistemática da região, criando a Capitania do Rio de Negro e transformando as antigas aldeias missionárias em vilas portuguesas. Seu principal objetivo era “racionalizar” os espaços e povos buscando garantir a soberania do território para a Coroa, promovendo o povoamento e o desenvolvimento agrícola e comercial.

O debate sobre o imaginário colonizador emerge como um fator crucial para a compreensão das representações em torno de hábitos e saberes alimentares nas/das Amazônias. Foucault (2013) desafia a concepção convencional de verdade, que a considera como um conceito objetivo e universal. Em vez disso, ele propõe que a verdade seja entendida como uma construção social, que varia conforme os contextos históricos e culturais.

De acordo com essa perspectiva, o saber não é neutro; ele é profundamente influenciado pelas relações de poder e pelas intenções subjacentes. Em outras palavras, são as relações de poder que moldam o saber, e não o contrário. Metodologicamente, buscamos interagir com a perspectiva apresentada por Michel Foucault (2013) em sua obra “Arqueologia do Saber”, que propõe uma análise da genealogia do poder sob a ótica arqueológica do saber.

Sendo assim, utilizando-se dos próprios relatos destacados na obra literária o manejo e práticas alimentares das tartarugas na mesma perspectiva de Sandoval Mafra (2010-2012), como ponto de contato de saberes-fazer que confere a eles um poder discursivo que vai desconstruindo visões estereotipadas do outro, de outro lugar. Para Hall (2016),

romper com a mecânica da diferença envolve construir significados por meio do diálogo com o outro.

O diálogo entre as diferenças coexistentes é fundamental para a produção de significado, mas também abre espaço para estereótipos. O teórico destaca que, se o significado é construído no diálogo, não pode ser completamente fixado, permitindo que estereótipos ocupem esse espaço.

Dessa maneira, examinaremos como efeitos de verdade e/ou “representações” foram criados pelo exercício do poder alicerçados no saber colonial na obra dos viajantes que, ao mesmo passo, através de seus relatos sobre o manejo e práticas alimentares das tartarugas, oferece não apenas as percepções coloniais da época, mas o saber-fazer indígena numa relação de harmonia e respeito ao meio ambiente como elemento de desconstrução do “incivilizado”, “hostil” e outros.

As falas de Carvajal; Rojas; Acuña (1941), evidencia-se a admiração a respeito do saber dos indígenas no manejo e práticas alimentares. Segundo os viajantes, quando se matavam tartarugas fêmeas, com o bucho cheio de ovos, era para mais duzentos, tão bons quanto os de galinhas. E, que, a abundância era tanta nos currais de tartarugas que não “havia um destes currais que não tenha de cem tartarugas para cima, com o que nunca sabem estes bárbaros que coisa seja a fome, pois uma só basta para satisfazer uma família, por muita gente que tenha” (CARVAJAL; ROJAS; ACUÑA, 1941, p. 182).

Para os viajantes as tartarugas eram tão grandes que produziam rodela de carne, ora comparadas com a vitela, ora com o frango ou o porco. Observa-se nas narrativas o assombro pela organização de manejo e os hábitos refinados dos indígenas. Os exploradores revelaram que as tartarugas eram grandes e bem tratadas, que davam rodela enormes de carnes parecidas com a vitela.

As fêmeas davam comida em dobro, afinal, ao serem abatidas, geralmente continham mais de 200 ovos, tão grandes quanto os da galinha, porém um pouco mais difícil de serem digeridos. Outro insumo produzido através dos ovos era a manteiga, ao baterem os ovos com sal, era considerada melhor que a manteiga de vaca, pois sua qualidade é perceptível ao paladar.

A manteiga também era utilizada para fritar peixe, fazer guisados e comer com farinha. Essas representações narradas refletem as dinâmicas de poder e conhecimento, evidenciando a importância de compreender as relações entre os elementos mencionados, considerando não apenas a dimensão gastronômica, mas também as construções simbólicas e identitárias associadas à alimentação na região.

A abordagem crítica busca desvelar as narrativas subjacentes, revelando como tais representações estão imbricadas na colonialidade do saber e do poder. É crucial refletir sobre essas representações considerando a dinâmica temporal, a pluralidade e a constante transformação.

A principal fonte deste estudo é a obra de Cristóbal de Acuña, um padre jesuíta espanhol, intitulada “Descobrimientos do Rio das Amazonas” (1941), baseada na viagem de Pedro Teixeira e Francisco de Orellana, com Acuña e Carvajal. Este texto proporciona diversos relatos sobre a Amazônia, seus habitantes e suas práticas nos séculos XVI e XVII.

A leitura dessa obra pode proporcionar diálogos sobre a visão inicial dos exploradores europeus sobre a Amazônia, bem como sobre as representações e narrativas que contribuíram para a construção do imaginário sobre essa região. Pensando assim, o estudo buscou compreender como o olhar de viajantes, cientistas e naturalistas do século XVI ao XVII moldou representações no campo da alimentação por meio do consumo e criação de Tartarugas.

Entretanto, o debate sobre o imaginário colonizador emerge como um fator crucial para a compreensão das representações em torno de hábitos e saberes alimentares nas/das Amazônias, motivando uma abordagem decolonial que busca reinventar a história, transcendendo a simples reescrita. Este estudo lança luz sobre as Amazônias como um espaço além do conhecido, onde o imaginário e as representações se entrelaçam em uma encruzilhada complexa e rica.

Por fim, é crucial compreender que os viajantes, respaldados pelo apoio financeiro do rei espanhol, buscavam retratar a região como um território propício para a colonização. Esse movimento ocorreu em um contexto de União Ibérica, onde as coroas espanhola e portuguesa uniram esforços para “conhecer” e “explorar” a região. Nesse sentido, investiram em figuras-chave, que contribuíram para a construção de uma narrativa que enfatizava a desconhecida e inexplorada natureza do espaço. Os discursos sobre a Amazônia são, portanto, uma narrativa carregada de significados políticos, religiosos e culturais que serviram para legitimar e justificar a presença colonial na região.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em conclusão, a análise dos relatos presentes na obra “Descobrimientos do Rio das Amazonas”, publicada em 1941, revela uma rica tapeçaria de narrativas sobre a Amazônia, seus habitantes e práticas. Ao descreverem a “indústria da carne fresca” através do cultivo e manejo de tartarugas na região amazônica, os relatos dos viajantes revelam um cenário complexo de interações entre os povos indígenas e seus conhecimentos práticos.

Ao reconhecermos as potências culturais dos povos originários, fica evidente que a produção alimentar, especialmente o consumo de tartarugas e seus derivados, desempenhava um papel fundamental na dinâmica social, cultural e econômica da região.

A influência de pensadores como Michel Foucault (2013), Loureiro (2002), Stuart Hall (2016) e outros proporcionou abordagens críticas sobre a produção do saber como um poder cultural e dinâmico nas relações alimentares de diversos sujeitos na região em questão.

Nosso foco foi na desconstrução dos discursos europeus hegemônicos sobre as Amazônias, como evidenciado nos relatos que reforçavam a necessidade de reinterpretar a história a partir das perspectivas locais, rompendo com estereótipos de uma sociedade “incivilizada” e “hostil”. A exploração da mentalidade de personagens em diferentes períodos pós-século XV foi o ponto de partida deste estudo, envolvendo uma imersão nos conceitos de imaginário, narrativa e inferências no contexto dos processos de ocupação e colonização das Amazônias.

A análise concentrou-se na atividade extrativa animal, especialmente nas tartarugas e outras variedades de quelônios descritas na obra, relacionando as falas com as percepções, crenças e representações que moldaram a compreensão do ambiente amazônico em diferentes momentos históricos.

A centralidade dada às tartarugas revelou não apenas uma prática alimentar, mas uma complexa rede de relações entre os habitantes da região e os recursos naturais disponíveis. Os currais de tartarugas, descritos na obra, emergem como uma estratégia adaptativa dos indígenas frente às transformações no ambiente e na disponibilidade de recursos.

Ao explorar as nuances da alimentação na Amazônia colonial, este estudo busca não apenas resgatar aspectos históricos negligenciados, mas também proporcionar uma reflexão crítica sobre as construções discursivas que moldam nossa compreensão do passado. A interseção entre linguagem, poder e saberes revela-se como um campo fecundo para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais que moldaram as Amazônias durante esse período específico.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. C. **Os vassallos D'el Rey nos confins da Amazônia: a colonização da Amazônia Ocidental - 1750 a 1798**. Vs. 1 e 2. 1990. Dissertação (mestrado). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia - Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ.
- BALLESTRIN, L. **América Latina e o giro Decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.
- CARVAJAL, G. de; ACUÑA, C. L; ROJAS, A. de. **Descobrimientos do Rio das Amazonas**. São Paulo: Ed. Nacional, 1941.
- FOUCAULT, M. A Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- GONDIN, N. **Como o mar de águas doces e suas dilatadas províncias são percorridos pelo imaginário dos cronistas viajantes**. In: \_\_\_\_\_. A invenção da Amazônia. São Paulo: Marco Zero, 1994, p. 77-138.
- HALL, S. Cultura e Representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio : Apicuri, 2016.
- LOUREIRO, V. R. **Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir**. Revista: Estudos Avançados, v. 16, n. 45, 2002.
- MACHADO, D. R. S. **No rastro dos ovos: uma história da exploração e uso da tartaruga da Amazônia (Podocnemis expansa Schweigger, 1812), 1727-1882**. Rio de Janeiro: s.n., 2016. 223 f.
- MAFRA, S. S. A visão amazônica do Pe. Cristóbal Acuña. **Língua e Literatura**, n. 30, p.2010-2012.